



CONVERGÊNCIA E ANALOGIAS DAS “REPRESENTAÇÕES” DA “IMAGEM” DO REI DOM SEBASTIÃO DE PORTUGAL NA *ENCANTARIA*

Rosuel Lima-Pereira¹

Resumo: Este artigo tem como preocupação propor um levantamento das “representações” e “imagens” do rei português Dom Sebastião na Encantaria do Norte brasileiro. A partir de diferentes premissas antropológicas e filosóficas, pretendo demonstrar como a “imagem” messiânica de Dom Sebastião típica da esfera portuguesa transforma-se em três “representações” no cenário brasileiro, em diferentes meios e sob diferentes agentes.

Palavras-chave: Dom Sebastião, Sebastianismo, Milenarismo, Encantaria, Recepção

Abstract: This article intends to curate the “representations” and “depictions” of the Portuguese king Dom Sebastian I in Encantaria, on the northern region of Brazil. From different anthropological and philosophical premises, I intend to demonstrate how Dom Sebastian’s messianic “image”, typically Portuguese, becomes three “representations” in the Brazilian context, done on different mediums and by different agents.

Keywords: Dom Sebastian, Sebastianism, Milleniarism, Encantaria, Reception

¹ Doutor em História pela Université de Bordeaux e professor da Université de Guyane.
E-mail: rdlp23@hotmail.com

Nosso estudo sobre a pessoa do rei português Dom Sebastião (1554-1578) e sua presença na *Encantaria* inscreve-se na idéia comum presente no Ocidente de que, *a priori* e sem suspeição, deve-se valorizar ontologicamente a “imagem” pelo que ela é e não pelo que se pensa ou se quer que ela seja. A *Encantaria* condensa em si “imagem” e “memória”, sem, no entanto confundi-las. De um lado se tem os fatos e a “memória histórica” do que foi vivido por Dom Sebastião, nascido em Portugal e que desapareceu em Marrocos. De outro lado se tem a *Encantaria* e a “memória simbólica”, subsistente oriunda das grandes festividades nos terreiros. Essa “memória simbólica” presente na *Encantaria* maranhense forma-se a partir da “imagem” do que foi vivido e presenciado nos terreiros pelos vodunsi. Na verdade, lembramos que toda “imagem” é fruto da imaginação visto que esta “imagem” é sujeita à mudança e à absorção de novos elementos vindos da realidade. Optamos em nosso estudo, abordar a questão da “imagem” não como uma simples “lembrança” segundo as categorias do filósofo francês Henri Bergson (1939)². Bem ao contrário, na *Encantaria*, a “imagem” não se reduz a uma “lembrança” mas ela exerce a função de “ser” e de “conhecer” o mundo mítico ou encantado. A *Encantaria*, como sistema, regrupa as famílias das entidades religiosas; ela tem “existência” própria e permite o acesso ao “conhecimento” do mundo “abstrato”. Trata-se do acesso ao conhecimento simbólico das representações humanas, diferente do conhecimento cartesiano, intuitivo e dedutivo. Uma das questões que se pode indagar é se a “imagem” do rei Dom Sebastião e suas “representações” ocuparão ainda um lugar importante no imaginário do homem brasileiro, especialmente do homem maranhense.

Os adeptos das crenças afro-brasileiras têm uma percepção da “imagem” do rei Dom Sebastião assim como das outras entidades espirituais não como sendo uma “coisa” ou a imagem de “algo” que o imaginário, a ilusão ou imanência cria. Bem ao contrário, para eles, trata-se de um ser “vivo” e autônomo que se manifesta esporadicamente em um *locus sanctus*, espaço sagrado. Os adeptos têm também da “imagem” do rei português uma “consciência” imediata do que ele é, isto é, um ser “encantado”. Isso acontece pouco a pouco, à medida que eles aprendem a conhecê-lo graças ao contato renovado com a entidade que se “institucionaliza” com a “feitura”

² Segundo o autor, a memória-lembrança grava o passado na forma de uma « lembrança-imagem ». Essa memória representa o passado. Em sua distinção da alma e do corpo, H. Bergson diz que a alma é o lugar do passado e o corpo é o lugar do presente.

conduzida pelo responsável do culto. O conhecimento da pessoa do rei Dom Sebastião passa também por intermédio de informações oriundas de sua biografia, pois o soberano português antes de ser um mito é um personagem histórico. A percepção ou a característica da “imagem” das entidades religiosas e suas “representações” nos cultos afro-brasileiros pode ser questionada pelo pesquisador, visto que seu estudo observacional³ não deixa de ter um caráter subjetivo ou imaginável. O que resulta desta “quase-observação” da “imagem” como tal é que a consciência evocativa do pesquisador por sua vez, pode se encontrar frente a um dilema. Esse dilema consiste em ver seu objeto de estudo como um “vazio”, um produto da imaginação do adepto ou como uma “realidade” percebida pela comunidade, um consenso exempto de toda “objetividade”.

Dito isso, o objetivo de nossa análise sobre as “representações” da “imagem” do rei Dom Sebastião na *Encantaria* não é de denigrir a “imagem” como pertencente a um “mundo irreal”, um ser “fictício”, um “sonho”, uma “esquizofrênia” coletiva ou até mesmo uma “possessão” demoníaca. Tentaremos nesse estudo, sobretudo, “reconciliar” consciência do real e consciência do irreal a partir da convergência das “representações” deduzidas da analogia da “imagem simbólica”. Ou seja, o papel de ambas, “imagem” e “representações” no campo mítico, místico, cultural e até mesmo cultural na vida do homem brasileiro a partir da *Encantaria*. Dessas breves observações e apoiando-nos nos estudos do antropólogo francês Gilbert Durand (1921-2012) propomos fazer uma análise das categorias simbólicas da *Encantaria* do ponto de vista da convergência do “real” ao “imaginário” ou seja da história ao mito sebastianista; em seguida, abordar os aspectos da analogia da “imagem” oriundas do *stimulus* central, o personagem, e sua função na *Encantaria*; esses pontos desenvolvidos permitir-nos-ão de analisar as “representações” do rei Dom Sebastião e de relevar seu papel simbólico na *Encantaria*.

As categorias simbólicas da pessoa real de Dom Sebastião na *Encantaria*

³ Grosso modo, os tipos de estudo podem ser divididos em qualitativos (uso de conceitos, comportamentos, percepções, informações das pessoas) e quantitativos (busca explicar dos fenômenos). Existem também o « estudo de caso » (com descrições e relatos cuidadosos e detalhadas) e o « estudo observacional » (leva em conta o aspecto descritivo e analítico).

Na *Encantaria*, os seres encantados são símbolos constitutivos da imagem do sagrado e o conjunto desses símbolos sagrados constitui uma homogeneidade venerada cujo *significante* e *significado* revelam-se plenamente durante o transe do iniciado no espaço sagrado, o “terreiro”. Nessa dinâmica interativa da manifestação do encantado, a “imagem” que ele veícula difere muitas vezes da imaginada pelos não-iniciados ao culto das entidades. Todavia, durante nossas observações notamos que ambas, “imagem” e “percepção”, participam à simbólica arquetipal que dá origem a *Encantaria*; ou seja, de um lado, a “imagem” veiculada pelos iniciados, aspecto sagrado; do outro lado, a “percepção” expressa pelos não-iniciados, aspecto profano. Nessa perspectiva, definimos a *Encantaria*, do ponto de vista do culto, como sendo, *grosso modo*, “um conjunto de ritos afro-brasileiros ou uma fusão sincrética de vários ritos marcados pelo “maravilhoso,” enriquecidos pelos elementos da fauna e da flora brasileira”. As raízes da *Encantaria* encontram-se na cultura ameríndia, na cultura africana oriundas, sobretudo, das Nações Mina, Jeje e Nagô, e na tradição religiosa judeo-cristã. Esta tradição é marcada culturalmente pela Matéria de Bretanha ou Ciclo arturiano⁴, os relatos cavaleirescos ou romances de cavalaria da Idade média e pelas idéias milenaristas do monge Joaquim de Flora (1132-1202). Quanto aos Encantados, como o rei Dom Sebastião, eles podem ser considerados como “espíritos” ou “seres” que realmente existiram ou não e que, às vezes, manifestam-se aos indivíduos.

Quando Dom Sebastião desaparece no Marrocos na batalha de Alcácer-Quibir, na tarde do dia 04 de agosto de 1578, a unidade dos dois corpos do rei português, física e política ou humana e divina, rompe-se para sempre. Este segundo corpo do rei, o político, adquire a dignidade real em 1139 quando o primeiro rei dos portugueses, Dom Alfonso-Henriques (1109-1115) ganha a batalha de Ourique contra os Mouros e dá, simbolicamente, nascimento a nação portuguesa. Quando o corpo natural do rei Dom Sebastião desaparece na batalha marroquina e com ele a linhagem direta da dinastia de Avis (1385-1580), simbolicamente, só o seu “segundo corpo”, o “corpo político”,

⁴ O trovador francês Jean Bodel (1165-1210) distinguiu três matérias: 1) Matéria de Bretanha: nome dado ao conjunto de lendas, geralmente de origem celta. São histórias ligadas à Bretanha e à figura do rei Arthur (século VI) e os cavaleiros da Távola redonda, Brutus da Bretanha, rei Lear e Gog/Magog; 2) Matéria de Roma: obras literárias medievais pertencentes especialmente à literatura francesa e que emprega personagens da Antiguidade grego-romana. Romance de Alexandria, Romance de Troia, Romance de Tebas, Romance de Eneias. Os personagens desses romances são caracterizados como cavaleiros medievais e os episódios são marcados por batalhas, torneios e o amor cortês; 3) Matéria de França: conhecido como ciclo carolíngio. São histórias lendárias surgidas nas Canções de gesta e escrita em francês antigo. Contam, sobretudo, as aventuras de Carlos Magno e os Doze pares de França.

sobrevive, apesar da dominação espanhola (1580-1640). Com efeito, para os portugueses, o desaparecimento físico do rei Dom Sebastião coloca em perigo o “corpo político”, ou seja, a independência geopolítica do reino. Seu desaparecimento causa uma ruptura no contrato do “casamento místico” entre o Reino e o seu rei, na medida em que este não deixa herdeiros diretos à coroa portuguesa.

Do desaparecimento de Dom Sebastião nasce um sentimento coletivo oriundo do nome do rei chamado Sebastianismo. Esse sentimento transforma-se em uma crença na volta do rei salvador cujo papel é, sobretudo político, e que vai liberar Portugal do jugo espanhol. A crença sebastianista é, na sua base, real e messiânica. A ausência do corpo do rei prova material de sua morte, torna seu desaparecimento inexplicável. À base real e messiânica do Sebastianismo, o povo português acrescenta seu misticismo que exprime o seu desespero e a sua esperança enganosa. O desaparecimento do rei Dom Sebastião reveste-se também de um aspecto duplo. O primeiro é o aspecto religioso visto que ele é percebido como um mártir da nação. O segundo é o aspecto heróico pois o rei sacrificou-se para dar ao reino sua glória de outrora. Em outros termos, o herói mítico não é somente aquele que, no contexto mitológico, pega as armas e parte para o combate, mas é aquele que se sacrifica por alguma coisa maior do que ele. Simbolicamente, a pessoa real do monarca português incarna a soberania do reino frente a uma Espanha ocupante e a defesa da cristandade frente aos Mouros invasores. Breve, o discurso sebastianista se estrutura e esforça-se a apagar da memória a desfeita da batalha ao mesmo tempo em que esse mesmo discurso tenta anunciar as vitórias futuras. Na América portuguesa (1500-1822), à base real, messiânica e mística do desaparecimento do rei Dom Sebastião será acrescentado de traços escatológicos. O lado apocalíptico dessa escatologia enraiza-se nos fins dos tempos e na vinda do salvador.

O Sebastianismo histórico e a presença do rei Dom Sebastião na *Encantaria* ultrapassa os fatos e as ações do seu protagonista. Todavia, ambos, Sebastianismo e *Encantaria*, estão enraizados em uma narrativa arquetípica composta de literatura medieval, milenarismo e messianismos judaico-cristãos e no Brasil, acrescentam-se características do messianismo tupi-guarani. Com efeito, simbolicamente, a pessoa de Dom Sebastião antes que lhe seja conferido os atributos de “rei Encantado” na

Encantaria maranhense, recebe os atributos epítetos de “rei Desejado”⁵, “rei Oculto” ou “rei Encoberto” na crença sebastianista. Dom Sebastião é filho de um casamento apressado entre Dona Joana de Espanha (1535-1573) e do príncipe do Brasil, Dom João Manuel (1537-1554), de 16 anos. Este príncipe estava encarregado de assegurar um herdeiro “desejado” há muito tempo pelo povo e pela Coroa portuguesa. Antes mesmo da notícia do nascimento de Dom Sebastião, a alegria toma de conta das ruas de Lisboa e a multidão corre ao palácio a espera da boa notícia. A partir de então o epíteto “Desejado” é aplicado ao recém-nascido. Quando seu avô morre, o rei Dom João III (1502-1557), o jovem príncipe só tem 3 anos. Ao desaparecer na batalha de Alcácer-Quibir sem herdeiros, segundo as “profecias” do Sapateiro de Trancoso⁶, o rei Dom Sebastião torna-se para o povo português o salvador da pátria que restabelecerá a dinastia portuguesa. Nessa ocasião, ele recebe o epíteto de o “rei Encoberto”. Desaparecido na batalha de Alcácer-Quibir, a partir de então, Dom Sebastião vai aparecer, descobrir-se e revelar-se segundo a crença sebastianista. Essa crença com traços judaicos serve como resistência contra a ocupação espanhola.

Ao longo dos séculos, historiadores e ensaístas tentaram explicar o desaparecimento do rei Dom Sebastião assim como o aparecimento do movimento sociopolítico chamado Sebastianismo. Esse tema foi abordado sob o ângulo histórico levando em conta o contexto português com seus aspectos sociais, culturais, econômicos e estruturais. No Brasil, no Estado do Maranhão, novo espaço geográfico, a pessoa real de Dom Sebastião e o sentimento oriundo de sua perda vão reestruturar-se em um novo símbolo, o “rei Encantado”. Essa reestruturação só é possível em razão da “angústia da morte”, da “cultura” e dos “reflexos dominantes”. Produtos do imaginário ou das estruturas antropológicas, essa tríade serve para controlar as “imagens mortíferas” no homem. Do ponto de vista do contexto geográfico, histórico e socioeconômico, acreditamos que o mito português do “rei Desejado” e do “rei Oculto

⁵ “Dom Sebastião recebera o cognome de “o desejado” ainda quando estava no ventre de sua mãe. O pai morreria dias antes de seu nascimento, e todos os nove filhos de D. João III haviam morrido sem deixar herdeiros legítimos, logo, a única esperança de salvar Portugal de uma eventual sucessão castelhana era uma criança do sexo masculino, desta forma, Dom Sebastião era um rei que tinha sido pedido a Deus com tantas lágrimas, peregrinações, procissões e esmolas, que seu nascimento fora marcado por grandes manifestações de júbilo popular” (BOXER, 2002: 379).

⁶ Gonçalo Annes Bandarra (1500-1556) foi sapateiro, autor de versos proféticos, *Trovas*, que são ligadas ao Sebastianismo e ao milenarismo português. Seus versos falam do rei Encoberto e do futuro de Portugal como reino universal.

ou Encoberto” só pode tornar-se no Brasil o “rei Encantado”, se os seguintes aspectos forem levados em conta:

- o messianismo português;
- a figura do padre Antonio Vieira (1608-1697) e sua idéia de Quinto-império⁷;
- a colonização e a situação econômica do Estado do Maranhão e do Grão-Pará;
- as semelhanças geográficas entre o deserto de Alcácer-Quibir, no Marrocos e as dunas dos Lencóis ou a ilha de Lencóis, no Maranhão (DOMINICI & MARTINS, 2012: 4).

Por conseguinte, para fustigar as “imagens mortíferas” do homem brasileiro na *Encantaria*, o rei Dom Sebastião caracteriza-se de modo hiperbólico, isto é, de maneira teriomórfica (animal = Touro); de maneira nictomórfica (noite = junho e agosto); de maneira catamórfica (transformação = do próprio rei em ser encantado e de desencantamento do próprio rei e do seu palácio). Esse hiperbolismo simbólico que desenvolveremos em seguida traduz-se nesse canto hierárquico:

*“Rei, Rei, Rei Sebastião,
Quem desencantar Lençol,
Põe “abaixo o Maranhão”*

Naturalmente que a questão do símbolo, da simbólica da pessoa do rei português e de sua interpretação é marcada pela ambigüidade. Na verdade, o símbolo tem duplo sentido, um concreto e outro abstrato marcado pela “imagem” e pelas “representações”. Com efeito, imagem e representações são frutos da imaginação simbólica e têm como dinâmica vital a negação do nada, da morte e do tempo. Para Gilbert Durand, o símbolo tem três funções:

- ele serve como “equilíbrio vital” assumindo o compromisso de entender a morte;

⁷ O Quinto império é uma crença messiânica, milenarista concebida pelo padre António Vieira no século XVII. Segundo ele, os quatro primeiros impérios eram, os assírios, os persas, os gregos e os romanos. O quinto seria o império português. Antônio Vieira basea-se no livro de Daniel, cap. II, onde é narrada a história do rei Nabucodonosor II e do seu sonho com uma estátua. Um dos textos importantes sobre o tema, é a obra póstuma do padre Vieira, História do futuro. O Quinto Império foi uma forma de legitimar o movimento autonomista português, que conseguirá o fim da dominação filipina.

- ele serve como “equilíbrio psicossocial” na assimilação e no equilíbrio das relações humanas, sejam elas de cunho racial ou animal;
- ele serve também como “equilíbrio antropológico” ligado à esfera da alma humana com seu humanismo e seu eucumenismo.

No equilíbrio antropológico encontram-se todos os mitos. No que diz respeito a legenda do “rei Encantado”, esse equilíbrio serve de mediação entre as esperanças do povo brasileiro e sua condição temporal marcada pelas dificuldades socioeconômicas. Breve, a principal representação simbólica da imagem do rei Dom Sebastião consiste na afirmação mítica de uma Esperança, sem ela o mito sebático desaparece e com ele todas as esperanças, sonhos e desejos de um mundo melhor do povo maranhense e, por conseguinte de todo o povo brasileiro (DURAND, 1964).

“Imagem” e “representações” sebásticas na *Encantaria*

Na temporalidade da pessoal real e histórica de Dom Sebastião encontra-se três imagens ou hipóstases de uma temporalidade mítica definida e representada pelos epítetos: “Desejado,” “Encoberto” e “Encantado”. A temporalidade mítica é um processo de criação do imaginário. O “*stimulus* central” dessa temporalidade mítica é o “personagem” ou seja o rei Dom Sebastião. O “*stimulus* central” é rodeado de “*stimuli* de complemento” que servem a reforçar a coesão do imaginário e conseqüentemente, controlar a angústia. No inconsciente coletivo do povo português a angústia da perda da independência e por conseguinte a liberdade de ser português exprime-se na rejeição à assimilação tanto buscada pela Coroa espanhola. Essa rejeição faz aparecer na sociedade portuguesa três mecanismos de defesa que se expressaram da seguinte forma:

- na “imagem” infantil do “rei Desejado”, o nascimento de Dom Sebastião como herdeiro direto do trono permitiu que o reino português preservasse sua independência frente a uma Espanha dominante;
- na “imagem” nostálgica do “rei Encoberto”, o desaparecimento de Dom Sebastião, mas, sobretudo a espera pelos portugueses de sua volta, permitiu o aparecimento de falsos Dom Sebastião e alimentou o sentimento patriótico de resistência contra o domínio filipino (1580-1640). Com a Restauração de 1640 uma nova linhagem real estabelece-se com a dinastia dos Bragança;
- na “imagem” sincrética do “rei Encantado”. O novo espaço geográfico, a América portuguesa, o messianismo tupi-guarani, as idéias do padre Antônio Vieira e as dificuldades socioeconômicas

contribuem a fomentar crenças messiânicas e a ânsia de um mundo melhor.

A reunião do *stimulus* central e dos *stimuli* representa a modalidade do imaginário delimitado em: “ansiolíticos”, “resolutivos” e “suplementares”. Como vimos acima, os *stimuli* ajudam a dominar a angústia desencadeada pelo medo da morte. No nosso estudo, se aplicarmos esses *stimuli* a *Encantaria* poderíamos descrevê-los assim:

- *stimulus* ansiolítico como sendo a incorporação dos adeptos, ou o próprio encantamento do rei Dom Sebastião. Esse *stimulus* ajuda a situar-se no mundo e a “suportá-lo”;
- *stimulus* resolutivo, trata-se do espaço onde ocorre mudanças, onde as coisas podem acontecer: a morada real, o palácio encantado, as festas realizadas nos terreiros, o “batizado” do boi no Bumba-meu-boi;
- *stimulus* suplementar é a forma que é, pode ter ou manifestar o *stimulus* central, isto é o -----“personagem”. Além de ser o “rei Encantado”, temos outras representações simbólicas ligadas diretamente ou indiretamente ao personagem: o touro, o boi Turino, a praia de Lençóis, a moradia real, os terreiros.

<i>Stimulus</i> central		
Personagem histórico / rei Dom Sebastião de Portugal (IMAGEM)		
Personagens simbólicos/ “Desejado”, “Encoberto”, “Encantado”(REPRESENTAÇÃO)		
<i>Stimuli</i> de complemento		
1º) <i>Ansiolítico</i>	2º) <i>Resolutivo</i>	3º) <i>Suplementar</i>
Controla a angústia	Espaço geográfico necessário as mudanças	Transformações, manifestações do personagem
Ex: incorporação dos adeptos; encantamento do rei	Ex: o Brasil, o Maranhão; o palácio real; os terreiros; batizado do boi	Ex: Touro; boi Taurino; “rei Encantado”

Quadro explicativo I

Por conseguinte, a imagem mítica fustiga as angústias e permite o aparecimento de representações já mencionadas que Gilbert Durand chama de “símbolos teriomórficos”, “símbolos nictomórficos” e “símbolos catamórficos”. No caso da *Encantaria*, o *stimulus* central, o personagem do rei Dom Sebastião, é caracterizado

pelo simbolismo animal ou teriomórfico como sendo o “touro Encantado”. Historicamente, o “touro” é uma imagem comum na arqueotipologia do Bestiário medieval. Esse elemento da literatura descritiva tem sua origem nos manuscritos realizados pelos monges copistas antes da invenção da imprensa em 1455, pelo alemão Johannes Gutemberg (1398-1468). Verifica-se que a significação arquetípica do rei Dom Sebastião como “touro” tem características e qualidades que não estão ligadas diretamente ao mito minóico. Na mitologia grega, como na cidade de Creta, o touro possuía certa importância provavelmente em função de sua fertilidade. Na Antiguidade, na sociedade cretense o mito do Minotauro é representado por um forte homem com cabeça de touro. Já na Idade Média, no mundo ibérico, a corrida de touros ou tourada aparece no século XII. As representações taurinas em Portugal desse período relacionam-se com as noções de força, bravura, poder, fecundidade e vida que simbolizam o sentido ritual e sagrado do touro.

A segunda representação mítica situa-se no campo do símbolo nictomórfico, da noite e das tenebras. A escuridão é um arquétipo importante, mas abstrato, negativamente valorizado pelo homem. As tenebras causam perturbação imediata no processo racional produzindo assim uma função disfórica. Na verdade, a valorização negativa da cor preta ou da noite representa no Ocidente, na sua forma negativa, morte, pecado, angústia, revolta e julgamento. Com efeito, a imaginação é marcada pela imagem nefasta da noite e suas representações em oposição a luz e ao dia. As tenebras constituem um dos primeiros símbolos do tempo. Quase todos os povos primitivos, como os indo-europeus ou os semitas, contavam o tempo a partir da noite e não do dia. As festas de São João, Natal e Páscoa seriam a sobrevivência dos primitivos calendários noturnos. O rei Dom Sebastião sob a forma de um touro encantado “aparece” dia 24 de junho, durante a noite joanina que pertence ao calendário primitivo ou sagrado. Em seguida, ele “sacraliza” de certa forma o dia do seu desaparecimento, “aparecendo” durante a noite do dia 04 de agosto. A imagem sebástica do “rei Encantado” está rodeada por duas outras imagens ricas do imaginário. A imagem da “ilha”, a *insula* e a imagem do “mar”, *mare clausum* ou *mare tenebrum*, em oposição ao *mare liberum*, mar livre, depois do evento das grandes Descobertas. Em suma, os símbolos nictomórficos são animados pelos atributos hercúleos da água. A água que foge, que inunda, que são

profundas, que são negras. Nas águas profundas do mar, instalação do palácio de cristal do rei Dom Sebastião, na ilha de Lençóis.

A terceira imagem mítica mencionada por Gilbert Durand permite a representação dos “símbolos catamórficos” isto é de “queda” que servem para apaziguar a angústia humana. Segundo Gilbert Durant a queda aparece como a encandescência mesma da dinâmica das tenebras. O nascimento, as manipulações de uma parteira são as primeiras experiências humanas da “queda”. Vários mitos e lendas são centrados nos aspectos catastróficos da “queda”, da “vertigem”, do “esmagamento”. O tema da “queda” aparece muitas vezes como sinal de punição, é o que vemos na tradição judaica da Queda de Adão. Em alguns textos apocalípticos apócrifos a “queda” é confundida com a “possessão” pelo Mal. A eufemização é o procedimento utilizado pela imaginação onde a representação é enfraquecida de sentido e até mesmo de atributos contrários. O caso extremo seria a antífrase. Ora, nas “representações” do povo português, o acontecimento histórico que é a batalha de Alcácer-Quibir e o desaparecimento do rei Dom Sebastião tem como consequência a perda da autonomia política do reino, ou seja, uma “queda”, uma “catástrofe nacional”. Por eufemização fala-se de “dominação espanhola”, “União ibérica”, “União das duas coroas”. Esse recurso utilizado pelo povo português é uma tentativa de reversão do Destino, uma tentativa pelo menos verbal de dominar os perigos do tempo e da morte. Os valores da “imagem” do rei Dom Sebastião são revertidos. A historiografia sebástica é marcada por descrições negativas sobre a pessoa do rei e sobre seus atos como soberano. Na América portuguesa acreditamos que o contacto do índio com o homem europeu, a instalação e a dominação dos colonos com certeza causaram transtornos ao universo e representações ameríndios. Na reestruturação dos valores e dos arquétipos indo-portugueses, onde o sincrétismo é uma de suas vertentes, sem dúvida podemos considerar que houve várias “quedas” no encontro dessas duas culturas. Infelizmente, por enquanto, não é o momento de argumentar essa convicção. Quanto às incorporações do rei Dom Sebastião, do ponto de vista catamórfico e lexical preferimos ver essa “queda” como “manifestação” do que como “possessão”, termo genuinamente marcado de conotações negativas na nossa sociedade. Manifestações em um terreiro e representações da imagem sebástica na *Encantaria* merecem, todavia uma breve análise

sociocultural visto que todo símbolo, *a priori*, servem para compensar as angústias frente ao tempo, ao futuro e a morte.

Os valores simbólicos aplicados a imagem do rei Dom Sebastião na *Encantaria*

O rei Dom Sebastião desaparece historicamente em agosto de 1578, sob um sol de chumbo, em um espaço continental, as terras áridas perto do rio, em Alcácer-Quibir, no Marrocos. Ele fará em seguida sua “aparição” mítica em um espaço insular. Na *Encantaria* há dois relatos conhecidos sobre esse “deslocamento”. O primeiro, conta que no dia da batalha, embaixo dos pés do rei e de seu séquito, as areias abriram-lhes uma passagem. Eles a seguem e são levados ao Maranhão. Durante esse trajeto, o rei Dom Sebastião e sua corte são transformados em “encantados”. Eles decidem instalar-se no Maranhão na espera que o rei possa retornar e tomar de volta seu trono. Uma variante diz que os Mouros lançaram-lhes um feitiço e que das areias do Marrocos surgiram uma passagem, um túnel, até a ilha de Lençóis.

A segunda versão diz que o rei português conseguiu escapar com sua guarda e que, em seguida, eles pegaram um navio e fugiram. Depois de vagarearem sem rumo durante dias, eles chegaram à costa brasileira. O rei Dom Sebastião visita-a e acaba por se decidir de instalar-se no Maranhão. Segundo esse relato é no Maranhão que o rei passa do mundo vivível ao mundo invisível e torna-se um “encantado”. Para alguns, o encantamento acontece logo enquanto o rei está jovem; para outros, isso acontece na sua velhice e por causa de um feitiço lançado. Uma variante dessa versão diz que o rei pode escapar vivo da batalha, pegou um navio que chegou até a Bahia, onde ele foi encantado, indo em seguida se estabelecer no Maranhão.

Sobre esses relatos da *Encantaria*, pensamos que se trata de textos que têm um propósito de cunho sagrado de ordem proto-histórica e proteiforme no sentido que cada legenda guarda um fundo inatingível e permite várias versões sobre o mesmo tema. No caso do rei Dom Sebastião, ele se tornou o “rei Encantado” e encontra-se na *Encantaria* e, no entanto há várias versões sobre sua entrada nesse mundo maravilhoso, como acabamos de ver. A *Encantaria* como as lendas da época medieval são antes de tudo um relato oral. Ambas fazem referência ao aspecto maravilhoso dos acontecimentos contados. A utilização desse processo pode também contribuir a transformação da lenda em mito caso haja ampliação do relato, distanciação e crescimento imaginário. No final

das contas, a lenda e o mito referem-se ao mesmo objeto, a um lugar, a um personagem ou a alguma outra coisa cuja prova da existência torna-se cada vez mais improvável. O antropólogo e folclorista Luís Câmara Cascudo (1898-1986), dá a seguinte definição da palavra “lenda”:

“Episódio heróico ou sentimental com o elemento maravilhoso ou sobre-humano, transmitido e conservado na tradição oral popular, localizável no espaço e no tempo. [...] Conserva as quatro características do conto popular : Antiguidade, Persistência, Anonimato, Oralidade. Os processos de transmissão, circulação, convergência, são os mesmos que presidem a dinâmica da literatura oral. [...]. Muito confundido com o mito, dele se distancia pela função e confronto. O mito pode ser um sistema de lendas, gravitando ao redor de um tema central, com área geográfica mais ampla e sem exigências de fixação no tempo e no espaço” (CASCUDO, 1972: 511).

De maneira geral, o imaginário brasileiro é povoado de uma grande quantidade de lendas “profanas” originárias da mistura de cultura e de etnias. Muitas histórias do folclore brasileiro oriundas da mitologia indígena são consideradas como lendas. Preferimos considerar as que se encontram no mundo da *Encantaria* como relatos “sagrados” visto que assim eram consideradas antes da chegada do homem europeu.

O sagrado e o conjunto deles constituem uma homogeneidade das representações veneradas cujo *significante* e o *significado* revelam-se no transe, nas festas do Boi, nos batismos. Sabemos que o sagrado não tem como objetivo formar “imagens,” mas, utilizar a imaginação humana como força dinâmica para “deformar” as percepções, as sensações físicas que vão ao encontro da verdadeira representação do sagrado. Gilbert Durand não se atarda na definição de “sagrado” e de “profano” e desenvolve seu ponto de vista sobre a maneira como o mundo é representado. De acordo com ele, o mundo é representado de duas maneiras pela consciência: uma “direta”, isto é, o “objeto” representado é presente na consciência graças à percepção ou à sensação; a outra “indireta”, isto é, o que é representado, a “forma sensível”, não tem forma material, mas é presente na consciência graças à lembrança ou à representação. Nos dois casos, a consciência “reapresenta” ou “apresenta” o “objeto” ou a “forma sensível” por uma “imagem”, cópia fiel ou do “objeto” ou da “forma sensível”. Esses

dois extremos, que poderíamos chamar de “coisas materiais” e “produtos do espírito” encontram sua adequação ou sua inadequação no *signo*⁸. Vejamos os quadros.

Lembrança (individual. Pessoal) \neq Memória ou anamnese (Coletiva. Comunidade)

Quadro explicativo II

Gilbert Durand distingue teoricamente dois tipos de *signos*: os que pertencem à categoria dos *signos arbitrários* que se referem a uma realidade; e os que pertencem às categorias dos *signos alegóricos* que se referem a uma realidade significada, que nós preferimos chamar de realidade abstrata. De toda maneira, esses dois signos, *arbitrários* ou *alegóricos*, referem-se obrigatoriamente a uma “imagem” ou “figura” que representam uma parte da realidade que esses signos descrevem. Se essa realidade não é descrita, isto é, significada, o “objeto” ou a “forma sensível” não possui “imagem” ou “figura”. Nesse caso, o *signo* só se refere a um sentido e chegamos então ao que é a imaginação simbólica. Em suma, o *símbolo* refere-se a um *signo concreto* que evoca alguma coisa de ausente; ao contrário da *alegoria* que se refere a algo de abstrato e que vai existir na “imagem” ou na “figura”. Dito isso, o *símbolo* também pode caracterizar-se como sendo uma “imagem” ou uma “figura alegórica”, pois um ou outro, símbolo e figura alegórica, são realidades figuradas e significadas nos campos da metafísica, das artes, da religião ou da magia. Mas do que uma “representação” a imagem simbólica é uma *transfiguração* de uma realidade cujo sentido nunca é abstrato.

⁸ A título de exemplo, veja a Anamnese e a Oblação da Oração eucarística II, do Missal romano: “Celebrando, agora, Senhor, o memorial da morte e ressurreição de vosso Filho, nós Vos oferecemos o pão da vida e o cálice da salvação e Vos damos graças porque nos admitistes à vossa presença para Vos servir nestes santos mistérios”.

Memória ou anamnese				
Realidade simbólica		Imaginação simbólica		
Imagem	Representação	Imagem	Representação	
Verbo				
Jesus Cristo	vida, morte, ressurreição	oferecer	Pão e vinho	Salvação e vida eterna
Dom Sebastião	Encantamento	festejar	Touro, Entidade	Salvador, mundo novo

Quadro explicativo III

Nosso estudo sobre a convergência da “imagem” do rei Dom Sebastião e suas representações na cultura luso-brasileira situam-se *grosso modo*, em três categorias: messiânica, “Desejado”; mítica, “rei Encoberto” e simbólica ou alegórica, “rei Encantado”. Enquanto símbolo, o rei Dom Sebastião torna-se “visível” tanto o seu *significante* é carregado de sentido, isto é, uma realidade a ser alcançada. O filósofo francês Paul Ricoeur (1913-2005) no segundo tomo do seu estudo *Finitude et culpabilité* publicado em 1960, afirma que o símbolo possui três dimensões “visíveis”. A primeira dimensão é a dimensão “cós mica” que se enraiza em nosso mundo visível; a segunda dimensão é a “onírica” que esta implantada em nossa vida íntima; ela se compõe de lembranças, de gestos que emergem dos sonhos; enfim, a terceira dimensão é chamada “poética”, pois o símbolo recorre também à linguagem, de preferência a linguagem concreta. Quanto a dimensão “invisível” e “indizível” do símbolo, ela se compõe de *representações*, de *signos alegóricos* que têm uma dinâmica e uma lógica própria. Em outros termos, a parte “invisível”, “infinita” do símbolo refere-se ao *significante* cujas qualidades não são figuráveis; quanto a parte “visível”, “finita” do símbolo, ela se refere ao *significado* que permite a concepção do mundo concreto, enriquecido pela dimensão humana de sonhar e de criar. Para Gilbert Durand trata-se de um “*imperialismo duplo do significante et do significado na imaginação simbólica*” mas é também a marca de sua “flexibilidade”. Para uma melhor compreensão, aplicaremos no quadro abaixo os “modos de conhecimentos indiretos” utilizados por Gilbert Durand e que aplicamos à imagem do rei Dom Sebastião:

Imaginação simbólica			
	<u>Signo</u>	<u>Alegoria</u>	<u>Símbolo</u>
Significante	<i>O messias</i>	<i>O salvador do mundo</i>	<i>Um mundo novo</i>
Relação entre Significante e Significado	<p style="text-align: center;"><i>*Manifestações</i></p> <p style="text-align: center;"><i>(Tambor de Mina, Pajelança, temas de carnaval, folclore, personagens literários)</i></p>		
Significado	<p><i>*Personagem histórico</i> <i>(Último rei direto da dinastia de Avis)</i></p>	<p><i>*Rei Desejado</i></p> <p><i>*Rei Encoberto</i></p> <p><i>*Rei Encantado</i></p>	<p><i>*Côroa portuguesa</i></p> <p><i>*Pela Graça de Deus, rei de Portugal e dos Algarves, d'Aquém e d'Além-Mar em África, Senhor da Guiné e da Conquista, Navegação e Comércio da Etiópia, Arábia, Pérsia e Índia</i></p>

Quadro explicativo IV

A simbólica ou a alegoria do rei Encantado é omnipresente na *Encantaria*. Nela, o rei Dom Sebastião vive com sua corte, na ilha dos Lençóis, e de uma forma mais discreta quando se manifesta no espaço sagrado dos terreiros. De modo geral, o *significante*, um messias, um salvador do mundo, um mundo novo continua renovando-se e vive na sociedade brasileira como um dos elementos fundadores da identidade religiosa brasileira. Quanto ao *significado*, o rei Dom Sebastião, vai além de seu universo histórico e mítico e manifesta-se em uma incessante repetição do ato epifânico. Em suma, se aplicarmos aqui o pensamento de Gilbert Durand, esta redundância tem como objetivo a perfeição e o centro. Ele se expressa assim: “*é pelo poder da repetição*

que o símbolo enche indefinitivamente sua inadequação”. Como vimos, o *significante* do rei Dom Sebastião evolui: de rei Desejado antes do seu nascimento, pois sua vinda garante a autonomia do reino português, para rei Encoberto, depois da batalha dos três Reis, pois sua volta é vista pelos portugueses como aquele que vai salvar a pátria e libertar do jugo espanhol; e agora, como rei Encoberto, insperador de movimentos sociais e culturais no Brasil. Enfim, esse mesmo *significante* agit incansavelmente por redundância na medida em que ele é salvação e promessa de um mundo melhor.

Conclusão

Procuramos mostrar nesse estudo em História cultural baseado nas “estruturas antropológicas” de Gilbert Durand que na pessoa do rei Dom Sebastião converge os arquétipos primitivos espirituais do homem. Do contexto histórico português do século XVI convergem imagens, representações, idéias, textos, crenças que vão pouco a pouco compor o mito sebástico. Dessa “imagem” messiânica, salvadora do rei Dom Sebastião para os portugueses, três “representações” emerge. Interessamo-nos pela “representação” oriunda da imaginação simbólica do homem maranhense da pessoa do rei português na *Encantaria*. Historicamente, na sociedade colonial brasileira sabemos que o mito sebastianista português expressou-se em várias ocasiões: massacre de Pedra Bonita (1836), guerra de Canudos (1896-1897), guerra do Contestado (1912-1916)... Essa redundância sebastianista presente na *Encantaria* se expressa além das relações lingüísticas: sejam através dos relatos de pescadores, das lendas populares, das interpretações rituais dos terreiros, nos cânticos hierárquicos, “pontos”; seja através das músicas profanas, dos artigos de imprensa, da literatura erúdit, das produções cinematográficas e da televisão.

Gilbert Durand no capítulo IV, “Mitos e semantismos”, da Segunda parte da sua obra, *As estruturas antropológicas do imaginário*, critica e rejeita o seu colega, Claude Lévi-Strauss (1908-2009) com sua tendência de assimilar o mito a uma langagem e os fonemas a componentes simbólicos. Para Gilbert Durand o que importa no mito não é só o fio do relato, mas também o sentido simbólico dos termos. Para nós, tendo em vista o tamanho do campo de ação do mito sebástico que ultrapassa o campo de ação da linguagem e dos relatos diacrônicos, o sebastianismo maranhense é também um relato corporal “contado” na dança dos vodunsi. Em outros termos e utilizando a definição de

Gilbert Durand da “hermeneútica instaurativa”, para “*a consciência humana, nada não é simplesmente presente, mas tudo é representado*”. Na *Encantaria* do rei Dom Sebastião, ele é representado como jovem ou como velho e também rodeado de suas três filhas encantadas, Dona Mariana, Dona Jarina e Dona Herondina. Nesse trabalho, preferimos tardar-nos, sobretudo na “imagem” do rei Dom Sebastião e sua “representação” expressa de modo hiperbólico nas formas teriomórfica, nictomórfica e catamórfica.

Abordar a questão da “imagem” e das “representações” sebásticas no campo da estrutura antropológica de acordo com os preceptos de Gilbert Durand permite-nos demonstrar que os mitos provem de um processo de criação do imaginário e tem como função “controlar a angústia”. Essa necessidade humana de encontrar respostas as suas questões ontológicas – de onde se vem, para onde se vai, por que se está nesse mundo – segue de perto o processo de eufemização que consiste em dizer que o rei Dom Sebastião mudou-se ou que ele procura estabelecer sua moradia em outro lugar, por causa do barulho, do progresso. O isomorfismo dos símbolos continua sendo o mesmo, isto é, a riqueza das significações oriundas do significante e dos significados ricos em noções de messianismo, de futuro promissor, de encantamento, de relatos de aparição, etc. Em suma, nessa perspectiva, a imagem da pessoa do rei Dom Sebastião de Portugal está em constante transformação, pois ele pertence a cosmologia de reconciliação com o mundo – visível ou invisível – onde as pessoas procuram ter uma certa compensação sentimental enquanto esperam uma teofania e ocorra a anamnese toda vez que os tambores tocam.

REFERÊNCIAS

- BOXER, Charles. **O Império marítimo português. 1415-1825**. São Paulo: editora Companhia das letras, 2002.
- DOMINICI, RAYAN SANTOS & MARTINS VALQUÍRIA. Dom Sebastião: do mito português a adoração maranhense. **Anais dos Simpósios da ABHR**, v. XIII, 2012, p. 1-12.
- FERRETTI, Sérgio. O culto a divindades africanas no tambor de mina do Maranhão. **Seminário religiões afro-americanas e diversidade cultural**. Rio de Janeiro: Unesco/Fundação Palmares, dezembro 2001.
- FERRETTI, Sérgio. **Querebentan de Zomadonu. Etnografia da Casa das Minas**. São Luís: EDUFMA, 1985.
- FERRETTI, Sérgio. **Repensando o sincretismo**. São Paulo: Edusp – Fapema, 1995.
- GRUZINSKI, Serge. **La colonización de lo imaginario. Sociedades indígenas y occidentalización en el México Español. Siglo XVI-XVIII**. México: Fondo de cultura econômica, 1991.
- GUYOT, David. **Destins métis: contribution à une sociologie du métissage**. Paris : éditions Karthala, 2002.
- HOLLANDA, Sérgio Buarque de. **Visão do paraíso**. São Paulo: editora da Universidade de São Paulo, coleção Brasileira, 1969.
- HOORNAERT, Eduardo. **A cristandade durante a primeira época colonial - História da Igreja na América Latina. História do Brasil**. Vol. II, Petrópolis: editora Vozes, 1986.
- LIMA-PEREIRA, Rosuel. **Mythogenèse, syncrétisme et pérennité du sébastianisme dans l'identité brésilienne du XX^e et du début du XXI^e siècle (L'État du Maranhão et ses manifestations socioreligieuses)**. Tese de doutorado, Bordeaux, França: École doctorale Montaigne Humanités, Universidade Montaigne-Bordeaux 3, 2012. Disponível em : < <https://tel.archives-ouvertes.fr/tel-00802219><https://tel.archives-ouvertes.fr/tel-00802219> >
- POIRION, Daniel. **Le merveilleux dans la littérature française du Moyen Âge**. Paris:P.U.F., 1982.
- SILVA, Joseane Lúcia. **« L'anthropophagisme » dans l'identité culturelle brésilienne**. Paris: éditions L'Harmattan, 2009.